A CIÊNCIA E O MITO DA NEUTRALIDADE

William Cruz

Graduando em Ciências Sociais pela UFRRJ

Não há neutralidade numa sociedade dividida em classes. Nem a própria universidade foge à essa divisão. É ingenuidade, no mínimo, acreditar que a produção científica é neutra, imparcial como tem apregoado pelo tempo grandes cientistas. No mínimo, ignorar os usos políticos da produção científica é a própria ilusão de que a Ciência é uma entidade transcendental imune a valores, crenças e ideologias.

A universidade é mais um aparelho ideológico burguês que introjeta as "visões de mundo" de uma classe. A partir de categorias de entendimento, carregadas de valores burgueses, você apreende o mundo segundo uma perspectiva hegemônica. Assim, destituir da academia o seu caráter de classe e diluir os interesses que guiam a ciência é estar ao lado da classe dominante. É impossibilitar o entendimento de que a produção acadêmica é orientada por múltiplos fatores por uma ideologia burguesa.

Esse espaço privilegiado que é a universidade brasileira grita as contradições dessa sociedade de classes. Primeiramente, nega o acesso de uma classe ao conhecimento científico, desconsidera como fonte válida saberes não-científicos (ou seja, ela detém o monopólio daquilo que consideramos como verdade), limita a circulação de conhecimento e reproduz o discurso hegemônico de ciência como um campo neutro.

Impossível considerar essa visão hegemônica da neutralidade na produção científica se verificarmos, por exemplo, de onde vem os financiamentos das pesquisas. Grandes empresas públicas e privadas injetam grandes montantes em dinheiro em certas pesquisas, orientam quais temas são mais requisitados em detrimento de outros. Nesse momento, o pesquisador é constrangido a abandonar certas categorias de análise, talvez rever seu método, é seduzido pelo poder econômico, é impedido de alcançar ou divulgar informações, ou seja, tem a sua pesquisa totalmente contaminada pelos interesses de seus financiadores. Ainda, as agências de fomento que também guiam quais pesquisas serão financiadas ou não pelo Estado burguês são outro exemplo que o fazer científico é tudo menos um campo de neutralidade. Dependendo dos interesses do Estado, algumas percepções sobre um dado objeto de pesquisa são desprezadas, marginalizados.

Por exemplo, com aniversário de 450 anos do município do Rio de Janeiro, a Faperj lançou vários editais que buscavam pesquisas sobre a cidade. Porém, não são pesquisas que apresentam os nervos das contradições socioeconômicas cariocas que a agência de fomento pretende com seus editais incentivar.

Pelo contrário, intenciona ressignificar o passado dotando-o de uma recordação positiva e exaltar o desenvolvimento científico tecnológico do Rio de Janeiro. Diante disso, como acreditar numa ciência neutra? Sendo a produção

A CIÊNCIA E O MITO DA NEUTRALIDADE

acadêmica um espaço privilegiado e o fomento guiado por interesses do Estado burguês e dos capitalistas? Com centros de pesquisa desenvolvendo venenos travestidos de defensivos agrícolas que contaminam nossos alimentos enquanto técnicas ambientalmente saudáveis são deliberadamente desconsideradas. A ciência também é um instrumento de legitimação de dominação. Separa aquilo que é "cientificamente comprovado" daquilo que são os saberes tradicionais e populares, isto é, o que é válido como conhecimento seguro contra o que é "senso comum".

Em ciências sociais há um consenso em considerar uma "objetividade" - tão cara, e inexistente nas ciências exatas - na sua produção do conhecimento. Assim como, a antropologia ontem serviu para a legitimação da colonização européia com a promoção dos zoológicos humanos, ainda hoje as ciências sociais legitimam o discurso dominante. Elas são por eles conduzidas ao mesmo tempo em que são os seus sustentáculos. Colaboram para a manutenção e preservação da exploração e dominação capitalista. Ao se iludir com a neutralidade da ciência, o próprio cientista escolhe um lado.

O confronto frasista de ideias nas ciências sem correspondência com a realidade da sociedade aprofunda a sensação de que a ciência está descolada de um contexto social, político e histórico. Não reconhece que as suas as raízes estão na materialidade da vida social. Seus pés se sustentam em condições concretas e determinadas.

"Impossível considerar essa visão hegemônica da neutralidade na produção científica se verificarmos, por exemplo, de onde vem os financiamentos das pesquisas."

Fonte: nossobioma.blogspot.com